

Tereza S. Alves

PLANO DO ENCONTRO



Data : 1-2 Novembro

Local : arredores de Lisboa

Razão do encontro

Como cristãs, somos membros vivos duma Igreja que se completa ao longo do tempo. Através das vicissitudes da História, através dos erros e da indiferença dos homens, o Reino de Deus se constroi. Presença do Absoluto na terra, a Igreja incarna o Eterno no tempo - por isso cada cristão tem de fazer em cada etapa da vida a síntese entre os valores essenciais e as exigências do momento presente. Uma solução de continuidade entre a fase transitória da Universidade e a etapa decisiva da vida plenamente adulta torna essa síntese particularmente necessária.

Não é fácil, porém, fazê-la. As ideias pouco consistentes de que a Fé se alimentou durante o tempo de Universidade, vêm justapor-se as características pagãs da sociedade actual.

Duas coordenadas são indispensáveis para definir uma atitude existencial cristã : a que, abrindo caminho para a plenitude da realização pessoal, assegura, ao mesmo tempo, a perfeita integração na comunidade dos homens.

É no aprofundamento do mistério da Igreja que o cristão encontra a verdadeira dimensão do seu destino humano.

A Igreja não é uma realidade abstracta - é um Corpo de que todos somos membros, não de uma forma estática, mas em constante crescimento. A Redenção é para todos os homens - e a Igreja, que a prolonga no tempo, tem de levá-la a cada homem, a cada época, a cada povo.

Nesta Igreja em marcha, o cristão, pela simples vivência da Fé, é já uma pedra viva. É-o também, e como explicitação da sua atitude interior, através de todo o compromisso na acção ao serviço da Igreja.

Ao definir-se perante a acção, o cristão exprime uma atitude global de vida, resposta a uma vocação no plano de Deus sobre o mundo.

A universitária cristã, ao tomar consciência das exigências da sua inserção na Igreja, sabe que responde ao plano de Deus como mulher.

Símbolo da Igreja que atingirá a plenitude no fim dos tempos na unidade de todas as nações, a mulher tem de ser princípio de unificação, pela sua própria vida e na actuação nos vários sectores da vida cultural e social, ligando os homens pelo amor.

Difícilmente cada uma de nós por si só é capaz de definir estas coordenadas e as suas implicações concretas e de encontrar uma síntese indispensável para uma vida plenamente centrada em Cristo. O Encontro que projectamos tem como objectivo essencial permitir a descoberta comum de transposição do ideal cristão em toda a sua exigência para a vida quotidiana. Os pontos que se indicam a seguir destinam-se a possibilitar uma reflexão prévia que permita uma discussão fecunda.

Pontos de discussão

I - A Igreja no nosso tempo

1. O valor dado ao tempo e a sua concretização - o real aproveitamento que dele faz - constituem indicadores da maior importância para se averiguar o tipo de mentalidade de uma pessoa ou de um povo. Sobretudo, a utilização dos tempos livres revelará prontamente o grau de cultura, a profundidade da Fé e da vida cristã, o grau de materialismo prático, etc. Por isso, uma reflexão sobre o conceito de tempo e sobre o seu real emprego por nossa parte e por parte das comunidades a que pertencemos, ajudar-nos-á a aferir da vivência dos preceitos e conselhos evangélicos.

Fundação Cuidar o Futuro

Sugestões para reflexão :

- Sentido do tempo, corrente no mundo moderno
- Lugar dado a Deus no nosso tempo. Sentido do Domingo
- Preocupações reveladas na utilização de tempos livres
- Factores concorrentes para a perda do sentido cristão do tempo

2. Na economia da Redenção, o trabalho é caminho para Deus. Por duas razões : em primeiro lugar, porque o homem encontra, em regra, no trabalho, penosidade, a qual é parcela de Cruz que cada cristão tem de aceitar ; em segundo lugar, porque, pelo trabalho, deve procurar restabelecer-se a ordem quebrada pela culpa original. O trabalho tem, por conseguinte, um aspecto pessoal e social profundamente inseridos no mistério cristão.

Ao tentarmos fazer a transposição do ideal cristão para a vida, e, simultaneamente, proceder ao reconhecimento das situações reais que levam ao afastamento de Cristo no quotidiano, devemos reflectir no seguinte, a propósito do sentido cristão do trabalho :

- Ideia concreta acerca do trabalho

- Princípios que presidem à escolha das profissões
- Atitude com que se desempenha o trabalho ; sentido de serviço da comunidade
- A prática da santificação do trabalho entre os cristãos
- Reabilitação do destino primitivo do trabalho

3. A vida do homem decorre necessariamente dentro de comunidades mais ou menos fortes e conscientes, mais ou menos amplas (a família, o grupo dos amigos, o grupo dos colegas de trabalho, a equipa de acção apostólica, etc.) A vida de comunidade é sempre um contínuo pretexto para o exercício da Caridade, pois que desenvolve o esforço de conhecimento mútuo, abnegação, esquecimento de si próprio, generosidade, etc. Nas comunidades de cristãos, um aspecto novo lhes dá valor particular : é que elas constituem células vivas do Corpo de Cristo, sendo, por consequência, um reflexo da Igreja Católica. Por isso as comunidades cristãs têm um testemunho particular a dar e devem ficar como símbolo da perfeição a que devem chegar as outras comunidades. Do mesmo modo, o cristão autêntico deve empenhar-se em transformar as comunidades, em que está integrado, em comunidades inspiradas nos princípios cristãos. Nesta perspectiva, convirá reflectir, entre outros, nos seguintes pontos :

- Importância das várias comunidades em que decorre a vida do homem. Ajuda ou dificuldade a uma vida autenticamente cristã
- Posição dos católicos nas comunidades de que fazem parte (iniciativa, trabalho de colaboração, etc.)
- Situação actual das comunidades cristãs e sua correspondência à missão que lhes incumbe
- A realidade dispersiva que se sucede à vida comunitária do tempo da Universidade

4. O cristianismo não é apenas um sistema filosófico mais ou menos abstracto ; tão-pouco se restringe a um código de moralidade como muitos pensam. O cristianismo é vida, principalmente uma vida nova começada por cada cristão no momento do seu baptismo e desenvolvida depois no seio da Igreja. Cristo, mais do que um sistema de valores ou um conjunto de preceitos morais, veio iniciar o Reino, remotamente preparado, de que a sua Igreja é expressão no tempo. Daí que a vida do cristão seja ou deva ser - porque implantada em outros alicerces - profundamente diferente da vida dos outros homens. Não se trata de uma segregação dos valores humanos, mas da recuperação da sua plenitude e da sua unificação em Cristo. A profundidade da síntese que neste domínio se consegue exprime o grau

de maturidade na Fé e de vivência cristã. Como diplomadas cristãs, importa-nos, pois, reflectir sobre este ponto.

Sugestões para pensar :

- Ideais por que se dá a vida
- Atitude de renúncia ou de gozo perante a vida
- Relação entre a vida que se leva e as exigências do Reino
- O crescimento na Fé e sua transposição para o quotidiano
- Presença ou ausência de princípios cristãos na vida contemporânea

II - A mulher na Igreja

1. Durante a Universidade, não houve habitualmente unificação do eu interior nem treino no amor dos outros.

Dai :

- a vida em compartimentos estanques, numa alternância de atitudes burguesas e semi-intelectuais, com uns assomos de generosidade a que não se dá o vigor e a continuidade necessários
- a perspectiva individualista que determina as opções pessoais

Existirá alguma relação entre estas atitudes e a agressividade, a independência, o "desgaste", o azedume que revelam muitas das mulheres diplomadas ?

2. A sociedade portuguesa manifesta em relação à mulher diplomada uma atitude que é fruto de :

- preconceitos
- complexos
- discriminação
- ausência de critério (resultante duma noção primária do valor da diferenciação dos sexos)

Não estará essa atitude relacionada com o facto de a própria mulher se sentir insegura na definição da sua vocação como mulher ? Não será indispensável, para poder mudar a mentalidade social neste domínio, que a mulher diplomada tome uma atitude alheia a qualquer espécie de complexos, conduzindo à simplicidade e à verdade existencial da pessoa, base duma irradiação fecunda e original na sociedade humana ?

3. "... chez l'homme, la vocation dominatrice apparaît comme étant primordiale, la vocation paternelle comme seconde (non pas subordonnée ou ajoutée à la vocation dominatrice, mais comprise dans celle-ci); chez la femme, c'est la vocation maternelle qui est essentielle, et la

participation à la domination vient en second (incluse d'une certaine façon dans sa vocation de mère)". Esta afirmação de Edith Stein contém implícita a ideia de que o trabalho para a mulher tem de ser sempre expressão duma atitude amor para com a pessoa humana, a traduzir-se no serviço à comunidade.

Como classifica a esta luz a ideia corrente de "emprego" ? E perante as necessidades prementes no domínio das profissões de serviço, qual será o critério mais frequente de escolha da actividade entre as mulheres diplomadas ?

4. Uma das necessidades maiores do nosso tempo é a possibilidade de diálogo entre os homens na construção da comunidade. Tem-se entre nós a consciência de que tal tarefa cabe especialmente à mulher, na medida em que cria e desenvolve, em todas as esferas de actividade, relações pessoais, na medida em que é testemunho de amor que dá e que está pronto a receber ? Até que ponto a mulher diplomada sabe aproveitar a tendência actual para a "pessoalização" das instituições, transformando-as em comunidades vivas ?

5. A cultura que se cria e desenvolve em cada época requer, para ser completa, o harmonioso equilíbrio dos valores masculinos e femininos. Está a mulher diplomada consciente da sua responsabilidade especial em relação à cultura ? Considera todas as suas actividades como fontes de enriquecimento cultural para si própria e como contributo para a cultura que objectivamente se constroi ?

6. Parece um estranho paradoxo a existência de necessidades angustiantes no mundo que nos cerca (aquém e além fronteiras), reclamando presenças generosas, e, paralelamente, o sentimento de frustração (de não-realização pessoal e de inutilidade para a sociedade) que caracteriza muitas das mulheres diplomadas que exercem uma profissão. Será que não se põem a render todos os dons como mulheres? Ou desconhecem-se esses dons ?

Não haverá falta de coragem para ir contra os quadros estabelecidos e viver uma vida adulta e consciente, plenamente feminina e, portanto, plenamente humana ?

N.B. - Pedimos a confirmação da participação no Encontro para uma das seguintes moradas :

Maria de Lourdes Pintasilgo
Avenida Infante Santo, lote particular nº 2, 9º - Dto - Lisboa

Maria Manuela Silva
Rua Conde de Monte Real, 10 - 1º - Esq. - Cascais

